

A INSERÇÃO DOS ESTRANGEIROS NO UNIVERSO DE SANTA FÉ

Elenor J. Schneider¹

*Parecia que a terra ia se entranhando não
só na pele como também na alma deles.*
Erico Verissimo

RESUMO

O presente artigo se origina de um passeio pela obra *O tempo e o vento*, de Erico Verissimo. É propósito principal acompanhar a inserção dos imigrantes europeus no pequeno universo de Santa Fé, que o autor transforma em protótipo de todo o espaço social do Rio Grande do Sul, desde a sua ocupação primeira, até a posterior vinda de pessoas de outras regiões do mundo, principalmente da Alemanha e da Itália. A presença dos estrangeiros vai provocar profundas alterações econômicas, sociais e políticas, rompendo, de certa forma, com um modelo tradicional de sociedade e apontando para novos tempos, identificados com um mundo que abre as pequenas questões regionais para as grandes questões universais. A um Rio Grande do Sul povoado por homens rudes e primitivos, junta-se uma leva de europeus também em condições não muito vantajosas, e da junção de todos nasce uma sociedade miscigenada, com novos valores e apontando para uma nova identidade. A ruptura, ao final da narrativa, em virtude do apoio aos projetos nazistas, fere um tanto essa possibilidade, mas, saindo da literatura e entrando na história, sabemos que não foi esse um fator decisivo para a unidade deste Estado.

Palavras-chave: Erico Verissimo; *O tempo e o vento*; os estrangeiros.

ABSTRACT

This article has its source from a walk along *O tempo e o vento*, by Erico Verissimo. The central aim is to follow the insertion of European immigrants into the small universe of Santa Fé, a place that the author transforms into a prototype of the

¹ Professor do Departamento de Letras da Unisc, mestre em Literatura. E-mail: elenor@unisc.br

entire social environment of Rio Grande do Sul, since its first occupation until the arrival of other people from other regions all around the world, but basically from Germany and Italy. The presence of the foreigners will be the cause of deep economical, social and political modifications, breaking, in a sense, the traditional model of society and showing up new times, according to a world that opened the small regional issues to the greater universal problems. A group of Europeans joins to a Rio Grande do Sul populated by rude and primitive men, living both in very bad conditions, and from the junction of all those people a new society composed by mixing races and with new values is born, indicating the starting of a new identity. At the end of the narrative, the rupture caused by the support given to the Nazi projects by German people seems to damage those possibilities. Otherwise, leaving literature and entering History, we realize that it was not a decisive aspect against the State unity.

Keywords: Erico Veríssimo; *O tempo e o vento*; the foreigners.

INTRODUÇÃO

Erico Veríssimo (1905-1975) é autor de vasta obra, na qual se destaca *O tempo e o vento*, texto longo que desenha um grande painel da formação principalmente humana do Rio Grande do Sul. Há quase unanimidade quando se diz que essa obra constitui a expressão mais alta de sua produção. Apesar de observações reticentes de alguns segmentos da crítica, hoje já muito menos resistentes, o conjunto da produção de Erico se reveste de uma humanidade exemplar. Acrescente-se a isso o inegável sabor literário daquilo que escreve. “A ficção de Erico Veríssimo guarda um viço, um frescor de obra recém-criada, como nenhuma outra no tempo. Uma comoção, uma autenticidade – um alto sentimento humano, em suma – que não é fruto da técnica ou do estilo, [...] talvez explique que lhe retomemos as narrativas como se as apanhássemos pela primeira vez”, escreve Massaud Moisés (1996, p. 223).

Por sua extensão e pela qualidade da matéria que abriga, abre-se para múltiplas abordagens, o que de fato já aconteceu. Optamos, com este recorte, por fazer nossa leitura da inserção dos imigrantes no universo de Santa Fé. Relemos a saga com o olhar filtrando a participação dos estrangeiros, bem como perscrutando o ponto de vista da população nativa. É intencional a produção de um texto de caráter mais impressionista, servindo, antes de tudo, para entender também a nossa própria história.

Para vários críticos, a obra decai em densidade à medida que os fatos da diegese se aproximam do tempo presente da narração. Para Massaud Moisés, o melhor da trilogia se abriga na primeira parte, sustentada por inesquecíveis personagens – Ana Terra e Rodrigo Cambará –, “por um tom épico, de mistura

com um lirismo carregado de lendas e crendices, e ao mesmo tempo de um sentimento de aceitação meio animal do destino” (1996, p. 231). Passados mais de quarenta anos de sua conclusão, é possível afirmar que o texto se sustenta, talvez porque o leitor de hoje esteja também distante dos episódios que constituem a parte final dessa grande saga. As figuras históricas que freqüentam o romance já saíram do cenário real, apresentando agora caráter marcadamente ficcional. Deixaram de ser pessoas para assumir a condição de personagens. E Erico, como afirma Dacanal (1986, p. 53), acaba transformando “a mentira histórica (factual) na verdade artística que, em última instância, é também verdade histórica (cultural)”.

Santa Fé era um espaço ocupado por homens e mulheres toscos, incultos, com visão de mundo extremamente reduzida, com frágeis e raras relações humanas, “áspera sociedade pastoril”, no dizer de Carl Winter (OC II, p. 393)². Ali, no final do século XVIII e ao longo do século XIX, estava a síntese de um Rio Grande do Sul pré-histórico, onde qualquer desavença era resolvida a ferro e fogo. O microuniverso dessa comunidade fictícia acaba se tornando protótipo de toda a formação do território e do povo gaúcho.

De diversas paragens tinham vindo aquelas pessoas, que acabaram se fixando à terra, mesmo tendo chegado para, sem demora, partir. Assim foi com Ana Terra que viera de Sorocaba com os pais e dois irmãos, assim como foi com o Dr. Carl Winter, que se impregnou daquela paisagem, e com dezenas de outras personagens que encontraram em Santa Fé – ou nela construíram – o seu espaço para viver. Para acompanhar e compreender essa formação, propomos esta leitura.

ESTABELECENDO PONTES NO ARQUIPÉLAGO

Há dois universos que se estranham e, ao mesmo tempo, se cruzam e entrelaçam em Santa Fé. Antes da chegada, principalmente de alemães e italianos, alguns casamentos começaram a unir santa-fezenses e forasteiros, os quais em geral eram recebidos com desconfiança, mas logo adiante tinham aceitação e acolhida por parte da comunidade. Quando Erico nos apresenta a história do casamento da filha de Joca e Rosa Rodrigues com um moço açoriano, vindo de Porto Alegre, um expressivo conjunto de diferenças são reveladas ao

² Utilizamos, no texto, OC para O Continente; OR, para O Retrato; e OA, para O Arquipélago, com o número romano indicando o volume. Referências completas ao final do texto.

leitor: o noivo não sabia montar a cavalo com o garbo dos homens do interior e da fronteira, desconhecia as lidas do campo, era pegado à terra, “preferia uma vida sóbria e sedentária às guerras, correrias e aventuras” (OC I, p. 220); religioso e hospitaleiro, gostava da ordem e da estabilidade.

O moço açoriano representava imagem distante dos gaúchos, “os homens do interior e da fronteira que amavam a ação, o entrevero, as cargas de cavalaria, a lida e a liberdade do campo, onde viviam longe do coletor de impostos e das autoridades – esses falavam em liberdade, hostilizavam os portugueses, queriam a independência. Representavam a população menos instável porém mais nativista do Rio Grande. Criavam gado, faziam tropas e eventualmente engrossavam os exércitos quando o inimigo invadia a Província. Alguns brigavam por obrigação; muitos por profissão: mas a maioria brigava por gosto” (OC I, p. 221). Pe. Lara, percebendo o novo quadro social e humano que se desenhava, diz que gostaria de poder durar tanto como Matusalém para ver que resultado teria aquela mistura de raças que se estava processando na Província de São Pedro (OC I, p. 222).

É possível perceber que *O tempo e o vento* constitui relato não apenas da formação do Rio Grande, mas antes de tudo é testemunha da integração das pessoas que, mesmo territorialmente próximas, viviam ainda um visível distanciamento. A presença do moço açoriano que busca casamento em Santa Fé é sintomática possibilidade da aproximação, a despeito das diferenças tão acentuadas na apresentação desse estrangeiro, também representante dos habitantes do litoral. Praticamente todos os forasteiros eram recebidos com desconfiância, até mesmo – é claro que por outras razões – o Capitão Rodrigo Cambará. Parece haver um pressentimento de que eles pudessem desestabilizar o *modus vivendi* daquele grupo radicalmente apegado a um fechado código de valores sociais e morais. “Qualquer forasteiro que chegasse, sempre era uma novidade que ocupava a atenção dos habitantes do povoado, onde a vida de ordinário se arrastava calma e igual” (OC I, p. 219).

Quando Pedro Missioneiro se insere no espaço primitivo e solitário da família de Maneco Terra, é olhado com receio e total desconfiância, principalmente pelos homens da casa, ao contrário de Henriqueta e Ana Terra, conquistadas pelas habilidades do intruso: tocava flauta, fazia pratos, contava histórias, refrigerando, com sua arte, aquelas almas sofridas e deixando entrever a existência de um mundo diferente e melhor. Luzia, suposta neta do pernambucano Aginaldo Silva, alvoroça a vila, o comentário é geral:

- Agora vem essa bruaca estrangeira...

- Mas ela não é estrangeira. Nasceu em Pernambuco.

- Sei lá! Não sendo continentino pra mim é estrangeiro. (OC II, p. 336)

A lenta e gradativa inserção dos forasteiros vai constituir forte elemento para delinear a nova identidade dessa grande sociedade que habita o Continente. Ao serem integrados, ou ao se integrarem, os estrangeiros fundem as ilhas que por longo tempo marcaram este território.

DR. CARL WINTER: enfeitado por Santa Fé

Sob a nossa perspectiva, Carl Winter se constitui no grande ícone da integração. Avesso, inicialmente, a todos os usos, costumes e valores dos santifezenses, acabou, aos poucos, absorvido por esse espaço que o encantava e fascinava. Segundo Bibiana, ele ficava porque “Santa Fé tinha feitiço! E explicara: ‘O meu homem, o falecido Cap. Rodrigo, um dia chegou pra passar a noite na vila e ficou aqui o resto da vida, que infelizmente foi mui curta’” (OC II, p. 359). Talvez não seja por acaso que grande parte da história de Winter em Santa Fé esteja inserida no segmento que o autor denominou *A Teiniaguá*³. Através do ponto de vista desse alemão culto, Erico oferece ao leitor uma análise bastante significativa do Rio Grande do Sul que Winter encontrou e acabou por adotar.

Formado em Medicina pela Universidade de Heidelberg, aponta em Santa Fé em 1851, tendo em torno de 30 anos e deixando para trás contundente desilusão amorosa e uma fracassada participação numa conspiração política. Inicialmente pensava em ficar no Rio de Janeiro, entretanto não suportou o clima. Veio, então, à Província de São Pedro. Desembarcando em Rio Grande, ofereceu-se para clinicar no hospital de caridade local, onde lhe aconteceu conhecer Karl von Koseritz, conterrâneo alemão, que, embora de ascendência ilustre, viera para cá como “Brummer”⁴ para lutar contra Rosas. Era um jovem culto, decidido a ficar na província: queria fundar escola, jornal, contribuir para o desenvolvimento. Ele aconselhou Winter a ir a Porto Alegre, onde também não se adaptou. Vai, então, a São Leopoldo, na esperança de que, reencontrando seus compatriotas, ali presentes desde 1824, pudesse encontrar um espaço para ficar.

³ A Teiniaguá – Lenda segundo a qual uma bela e jovem bruxa moura foi transformada pelo diabo numa lagartixa cuja cabeça era uma pedra preciosa de brilho ofuscante. (OC II, p. 371). Fascinava a quem olhava para ela.

⁴ Brummer – soldado alemão que vinha lutar a soldo em países fora do continente europeu.

Seu desencanto, porém, foi enorme. Achou aqueles colonos arrogantes, negavam suas origens miseráveis, até mesmo insinuando descendência de sangue azul. Sua impressão está registrada nesta passagem:

Winter encontrara compatriotas que haviam assimilado todos os maus hábitos dos naturais da terra, e vira até colonos alemães que viviam amasiados com mulatas e negras, das quais tinham filhos. Moravam em ranchos miseráveis, andavam descalços e já andavam roídos de vermes e sífilis. Em sua maioria, porém, prosperavam, moravam bem, ganhavam dinheiro, aumentavam as propriedades. Desprezavam o caboclo e eram por sua vez desprezados pelos estancieiros, dos quais não gostavam, embora parecessem temê-los. Era triste ver como em seus baús e sacos, junto com roupas e terecos, haviam trazido para o Brasil todos os prejuízos, rivalidades e mesquinhez de suas aldeias natais. Não compreendiam - os insensatos! - que lhes seria possível passar a vida a limpo naquela pátria nova. (OC II, p. 358)

Desiludido com o que viu, Winter embrenhou-se no interior e acabou chegando a Santa Fé, onde queria ficar por uma semana, mas acabou ficando sem saber por quê: “A paisagem era civilizada, mas os homens não” (OC II, p. 362). E, pouco a pouco, a terra o cativava e ele não sentia nenhuma vontade de sair daquele pequeno vilarejo perdido num continente imenso e desconhecido, cuja paisagem, dizia, era o motivo de sua permanência. Porque a sociedade, essa era rude, seus homens viviam envolvidos em atividades violentas, e as mulheres, reprimidas, não tinham direitos, mas todas as responsabilidades. Tudo era rústico e primitivo: “Tratava-se positivamente duma sociedade tosca e carnívora, que cheirava a sebo frio, suor de cavalo e cigarro de palha” (OC II, p. 364). Ser culto, vestir-se bem, ter um pouco de conforto, nada disso figurava no código desse grupo de, como diz Érico, “homens machos”, avessos a esses hábitos efeminados. E é nessa sociedade rude que Winter vai acabar ficando e dela vai fazer uma leitura extensiva a toda a formação social, política e econômica do Rio Grande do Sul.

Esse quadro passa por lenta e gradativa transformação, cuja culminância se dá quando, já dentro do século XX, um dos descendentes de um dos mais importantes clãs - doutor Rodrigo Cambará - incorpora, para espanto e desgosto do pai e de Maria Valéria, hábitos não só da cidade grande, no caso Porto Alegre, mas da sociedade tida como referência da finesse social e cultural, Paris. O sobrado se enche de livros, vinhos importados, discos, revistas, uma verdadeira negação de todo o caráter espartano que o tinha caracterizado até então.

Winter por muito tempo cultivou diferenças em relação às demais pessoas do povoado: fumava charutinhos (e não cigarro de palha), vestia roupas consideradas estapafúrdias, tinha livros. É preciso considerar, porém, que não havia como coadunar o seu espírito de homem culto, civilizado, europeu, com as condições materiais que Santa Fé podia oferecer. Sua casa tinha cheiro de picumã e mofo, do candeeiro emanava cheiro de sebo, tudo lembrava desconforto: “a cama-de-vento, a gamela de pau que lhe servia de bacia, o jarro de folha amassada, as cadeiras de palhinha, a estante com os livros, a mesa de pinho, sebosa e guenza ...” (OC II, p. 354). Nem mesmo ele compreendia por que continuava a viver naquela precariedade, abdicando do conforto de uma casa na Alemanha e, em vez de ouvir os roncões e sentir o mau cheiro de sua empregada, a negra Gregória, “podia estar morando com Gertrude Weil numa casinha limpa de Eberbach, com vasos de flores nas janelas” (OC II, p. 354).

O médico tentou manter-se um europeu entranhado no meio daqueles rudes, quase bárbaros. Fazia questão de marcar a diferença para manter sua identidade de europeu: “e não queria mudar, pois sabia que no dia em que se adaptasse e começasse a comer e vestir como os nativos, mais da metade do encanto de viver naquela terra remota estaria perdida” (OC II, p. 353). Amenizava as agruras da vida lendo seus autores prediletos, os quais trouxera na bagagem. Colocado no cerne dos acontecimentos, observando as pessoas e as histórias que promovem, vai fazendo a leitura de tudo isso e repassando a visão ao leitor. Incomoda-o a frieza desumana com que eliminam o negro Severino, por suposto homicídio; a insensibilidade dos estancieiros frente à guerra - porque reduzia a cavalhada e a gadaria (pouco interessando a vida dos homens, principalmente dos jovens). Enfim, como ele diz: “Os campos se achavam despovoados e ele tinha a impressão de que ninguém tinha plano, ninguém pensava no futuro; os continentes viviam ao acaso das improvisações, confiando sempre na sorte. Por que não tentavam alguma coisa?” (OC II, p. 390).

Ele se espantava com a apatia daquela gente, com a falta de trabalho metódico e previdente, revelando nitidamente a posição de homem europeu. Não entende por que não investiam na agricultura, como não melhoravam a qualidade dos rebanhos, com a importação de gado de países avançados na criação. “Esta terra é boa demais para ficar abandonada, despovoada de gentes, de gado e de lavouras... É incrível que a Província tenha de importar os cereais que consome: não só os cereais, mas até a farinha de mandioca” (OC II, p. 392).

Crítica a precária instrução pública, a falta de escolas e professores. Atrita-se com o juiz, Dr. Nepomuceno, e o Pe. Otero, quando diz duvidar da existência de uma civilização neste Continente:

De que feitos espirituais se poderia gabar aquela áspera sociedade pastoril – que florescia – se é que se podia no caso usar este verbo – no tão gabado “Continente de D. Bibiana? Onde estavam seus artistas, seus cientistas, seus pensadores? Até aquela data Winter não viria um único livro impresso na Província. Poderiam os continentinos alegar que as guerras não lhes davam tempo para as atividades de espírito, e talvez aí tivessem alguma razão. Mas quem não tinha razão era o Dr. Nepomuceno quando enchia a boca com a palavra civilização. (OC II, p. 393-4)

Ao fazer essas constatações, Winter assume um ponto de vista da superioridade do seu povo, das pessoas do seu sangue, que, segundo ele, poderiam transformar aquele espaço primitivo numa sociedade progressista, parecendo uma possível contradição a sua permanência nesse local. Aos poucos, porém, essas diferenças começam a se diluir. Voltando de um passeio às Missões, revelam-se as brechas de sua adaptação: “Naquela excursão comera muito charque de qualidade duvidosa e várias vezes, depois de tomar chuva, bebera cachaça. E o pior de tudo – lembrou-se – que uma noite em que suas resistências morais estavam enfraquecidas e seu desejo exacerbado, dormiu com uma índia. *Ach!*” (OC II, p. 402). Gradativamente acolhe os elementos da nova terra com suas particularidades: “A canja é uma das delícias desta terra!” (OC II, p. 409). “Se quero mogango com leite? Certamente! É uma das grandes invenções desta Província” (OC II, p. 416).

O que Winter lamenta é o atraso cultural de Santa Fé e a incompreensão para vislumbrar horizontes mais promissores. Escrevendo ao seu interlocutor Karl von Koseritz, diz: “Parece que a regra geral aqui é a guerra, sendo a paz apenas uma exceção; pode-se dizer que esta gente vive guerreando e nos intervalos cuida um pouco da atividade agrícola e pastoril e do resto; mas um pouco, só um pouco, porque parece que tudo é feito com o pensamento na próxima guerra ou na próxima revolução. Há nos olhos destas mulheres uma permanente expressão de susto” (OC II, p. 415). Pessoas cultas, como Luzia e Winter, eram vistas com reserva. Na opinião de Bibiana, “os livros estão cheios de porcarias e promiscuidades” (OC II, p. 415).

Apesar de todos os conflitos pessoais, Carl Winter está preso àquela terra, onde vive o que chama a sua “comédia humana”. Escreve a von Koseritz reconhecendo sua visível perda de identidade, “eu desgraçadamente vou me adaptando” (OC II, p. 423); bebe chimarrão (que por muito tempo ainda considerava “eine-grosse Schweineerei”) e cachaça, dorme com chinocas, índias e mestiças (apagando aos poucos o sonho com mulheres brancas e germânicas), suporta a vida monótona daquela vila sem calçadas nem lâmpões de rua, concluindo: “Talvez seja essa ausência de tudo que me fascina e prende” (OC

II, p. 425). As diferenças, na verdade, nunca o distanciaram daquele lugar e daquela gente. O sentimento urbano culto vai-se amalgamando com aquela forma rural, primitiva de Santa Fé. Além disso, parece-nos pertinente a observação de Schreiner (1996, p. 65-6), quando fala da boa aceitação dele por parte dos locais: “Winter não viera para ficar. Nem representava concorrência econômica para ninguém. Antes pelo contrário, como médico só se revelava útil às pessoas. Além disso, como não tinha filhos, sua presença em Santa Fé não se revestia nem de continuidade e, conseqüentemente, nem de concorrência.”

As informações sobre Carl Winter vão rareando à medida que a narrativa avança no tempo cronológico. Ele mesmo acaba plenamente integrado à vida de Santa Fé e, nessa condição, desaparece como figura diferente. Nos momentos em que ainda desponha, vê-se a mesma e consolidada situação que se desenhou desde sua chegada, acrescida de um progressivo olhar crítico. Ele lê com nitidez penetrante a realidade dessa “comédia provinciana que de quando em quando queria tomar caráter de tragédia” (OC II, p. 487). Em 1869, ao ser visitado por Florêncio, recebe-o com um mate preparado por Heinrich Heine, na verdade o negrinho Sebastião, mas que fora renomeado por Winter em homenagem a um dos seus autores prediletos, o poeta romântico alemão Heine. Winter estava mais envelhecido, fios brancos na barba e nos cabelos ruivos, solteiro.

Aos 50 anos, o médico se propõe uma espécie de avaliação de sua identidade, cada vez mais distante de sua origem, assim como distante dos outros imigrantes advindos da mesma pátria. A Carl Winter não agradava nem um pouco a aproximação com seus conterrâneos que, na sua opinião, quando em bando viram imbecis e intolerantes, como se via no então episódio dos Muckers. Na verdade, ele se considerava diferente, da mesma cepa de Karl von Koseritz, pessoas mais cultas, aqui estando por razões outras que não as de fugir da miséria e da fome. Fazia questão de marcar a diferença, embora reconhecendo sua própria insignificância também:

Que representava ele? Nada. Nem o colono alemão que havia quarenta e tantos anos se estabelecera na Feitoria do Linho Cãnhamo às margens do Rio dos Sinos. Era simplesmente um indivíduo, o dr. Carl Winter. E se quisesse ser bem honesto para consigo mesmo, teria também de chegar à conclusão de que não representava nem mesmo a Medicina. Naquele fim de mundo ele ia de tal modo perdendo contato com a literatura médica, que um dia talvez chegasse ao nível dos curandeiros da terra. (OC II, p. 516)

Em 1884, Santa Fé foi elevada à categoria de cidade. O progresso se manifestava de várias formas: já havia jornais, telégrafo, banda de música (um dos sonhos de Winter), a abolição e a república estavam na ordem do dia, as

questões do Brasil e do mundo passaram a existir para a cidade. Uma das vezes mais lúcidas ali continuava sendo a do médico, porque buscava análises desapaixonadas – “limito-me a ler, ouvir, observar e tirar minhas conclusões” (OC II, p. 594), costumava dizer, a despeito de suas próprias incertezas, como revela o narrador:

Apesar de toda a sua famosa lucidez, aos sessenta e três anos de idade encontrava-se ele ainda em Santa Fé, solitário, solitário, escravo da rotina, pensando sempre em ir-se embora, em voltar para a Europa, mas ao mesmo tempo sentindo-se poderosamente preso àquela terra como uma velha árvore de raízes profundas – mas uma árvore que não ama o solo em que está plantada e não tira dele o alimento de que necessita para vicejar com toda a plenitude. (OC II, p. 595)

A essa altura, parece que os saídos começam a pesar intensamente sobre os ombros de Winter, bebia muito “para esquecer que a vida para ele não prometia mais nada” (OC II, p. 637). Fica a impressão de uma história fracassada e de final triste desse homem solitário, tão decisivo para o temperamento da cidade da qual ajudou a escrever algumas das páginas mais notáveis, de modo especial na transformação daquelas mentes tão primitivas. Os sonhos estavam se encerrando, há um melancólico balanço. O fragmento a seguir, ainda que um pouco longo, apresenta uma síntese bastante expressiva, comovente até, para um homem que sempre se conduziu com tanta segurança na vida. Diz dele o narrador:

Já não lhe restavam esperanças de sair de Santa Fé. A distância em quilômetros que o separava da Alemanha era enorme. Mas a distância em tempo, essa era ainda mais aterradora. Sentia-se solto no tempo e no espaço, sem ligação com ninguém e com coisa alguma. Mas não fora sempre esse o seu ideal? Não ter compromissos, nem esposa nem família nem propriedade nem contratos. Ser física e espiritualmente um viajante sem bagagem. Estar sempre em disponibilidade, poder, dum minuto para outro, sem ter de dar satisfação a ninguém, mover-se dentro da geografia, mudar de paisagem, de ambiente, de hábitos... Pois bem. Conseguira tudo isso. Mantivera-se livre, disponível, sentimentalmente intoxicado. Mas que uso fizera de sua liberdade? Guardara-a apenas como algumas daquelas famílias de Santa Fé entesouravam jóias antigas dentro dum escritório, no fundo de uma gaveta, não as usando nunca, nunca se desfazendo delas nem mesmo nos momentos de maior necessidade. Um luxo inútil, enfim! (OC II, p. 637)

As notícias finais do Dr. Carl Winter situam-no nos dramáticos e derradeiros momentos do cerco do Sobrado, em 1895. Alice, depois de dar à luz, estava muito mal e necessitava de médico. Vencido o orgulho de Licurgo e transpostas as barreiras, ele chega, mas tarde demais. De Winter emanava forte cheiro de cachaça. Sai de cena aqui, deixando essa imagem de projeto fracassado, o que, de certa forma, várias vezes temia ao longo da história, principalmente quando se comparava com seu conterrâneo Karl von Koseritz, de rústica jornada.

LOIROS E DE OLHOS AZUIS

Em Santa Fé, todos os forasteiros eram recebidos com desconfiança. Parece haver um sentimento de inferioridade, de auto-estima ferida quando os nativos interpretam essa presença como passageira, como se a província fosse apenas objeto de curiosidade e exploração: “O mal desta Província têm sido esses aventureiros que vêm doutras partes do país só para se divertirem e fazerem negócio e depois vão embora”, confessa o Coronel Alvarino Amaral a Rodrigo Cambará (OC I, p. 211). A chegada dos imigrantes alemães, depois dos italianos e outros mais, vai negar essa hipótese.

Foi espanto geral quando, em 1833, chegaram a Santa Fé duas carroças trazendo duas famílias alemãs. Sabendo da novidade, todos acorreram à praça para ver aquela gente loura, de olhos azuis, esverdeados e cinzentos, “era uma novidade tão grande, que a manhã de fevereiro mais parecia um dia santo com quermesse, cantigas e cantos na frente da igreja” (OC I, p. 270). Assim chegaram as famílias do seleiro Erwin Kunz, com a deslumbrante filha Helga Kunz, e de Hans Schultz, que, sem demora, se integraram ao novo mundo e começaram a estabelecer diferenças, graças a seu modo de viver.

Alguns meses depois, o Cap. Rodrigo Cambará surpreende a família Schultz na lavoura, para onde costumavam se dirigir antes mesmo do nascer do sol. Sentiu um certo constrangimento ao ver o entusiasmo com que aqueles estrangeiros se dedicavam alegremente ao trabalho: “Rodrigo buscara consolo num pensamento que lhe vinha com freqüência à cabeça: “A vida vale mais que uma pontchada de onças.” No fim das contas eles eram estrangeiros e tinham vindo com a tenção de encher os bolsos de dinheiro para depois voltarem para sua pátria” (OC I, p. 277).

A Revolução Farroupilha estava se desenhando, e Pe. Lara, sabendo dos sofrimentos que esses embates traziam ao povo, considerou felizes os imigrantes recém-chegados: “Esses sim é que são felizes. Não sabem o que está se passando e, se vier a guerra, não terão nada a ver com ela, porque são estrangeiros” (OC

I, p. 278-9). As considerações de Pe. Lara não se confirmam: primeiro, porque os alemães são convocados para a guerra e, depois, porque se estabeleceram definitivamente em Santa Fé, integrando-se àquela nova terra, apontando para o horizonte de uma nova sociedade. Em tudo os alemães surpreenderam: por seus graciosos chalés, por seus bem cuidados jardins, pelo costume diferente de festejar a Páscoa e o Natal, enfim, o povo de Santa Fé olhava com admiração para aqueles forasteiros.

Uma das reivindicações de Santa Fé à Assembléia Provincial foi o estabelecimento de colônias, experiência que se mostrava exitosa em outras regiões da Província. O fato se consolidou em 1855, quando, a três léguas da vila, se implantou Nova Pomerânia, que, sem demora, foi ocupada por várias famílias alemãs. Graças ao trabalho, a colônia prosperava rapidamente: "A região transformava-se dia a dia, tomava já um jeito de povoado, e por toda parte viam-se valos, lavouras, cercas, roçados, sinais, enfim, de que aqueles estrangeiros começavam a dominar a paisagem, que de resto ali era suave e submissa. Haviam construído uma ponte sobre um riacho que cruzava aquelas terras e Otto Spielvogel já tinha posto a funcionar seu moinho d'água" (OC II, p. 426).

Anos mais tarde, funda-se também uma colônia italiana - Garibaldina - , notícia que chega ao leitor através da fala do Pe. Afílio Romano, na missa que celebrava a ascensão de Santa Fé a município. No conteúdo do sermão do jovem padre italiano, transparece o que de fato vai se confirmar na história futura do Rio Grande do Sul, ou seja, a plena miscigenação dos povos, constituindo um novo painel humano. É perceptível a defesa que Érico faz desse ideal de um mundo harmônico e integrado. Eis uma passagem da fala de Pe. Afílio:

E é porque esses colonos italianos, bem como os alemães de Nova Pomerânia, estão trabalhando juntamente com os brasileiros pela grandeza deste município, desta província, deste grande país. E nesta terra cujos conquistadores primitivos tinham nomes como Magalhães, Pereira, Fagundes, Xavier, Terra, vivem hoje homens que se chamam Bernardi, Nardini, Sorio, Conte, Bauermann, Schultz, Schneider, Schmitt, Kunz. E nesta igreja espero um dia com a graça de Deus unir em matrimônio uma Dela Mea com um Pinto ou um Spielvogel. (OC II, p. 584)

É constante essa observação das raças que se misturam, tema que se intensifica à medida que a narrativa vai adentrando o século XX, embora sempre perpassado de pensamentos controversos. Para os mais esclarecidos e identificados com o progresso, é tempo de indiscutível novo Rio Grande; para os mais antigos e conservadores, os valores tradicionais da sociedade estão

corrompidos. Liroca, observador, diz a Rodrigo: "Os rodeios se misturam no Rio Grande. Italiano casa com brasileiro. Alemão, com caboclo. Nas estâncias, nossos bois franqueiros e de chifre duro também estão se cruzando com gado indiano e europeu. Quero só ver no que vai dar tudo isso" (OA II, p. 250).

O Clube Comercial representa bem o espaço de boa parte das grandes transformações. Antes reduto exclusivo das famílias tradicionais, da aristocracia rural, sustentada pela agricultura e principalmente pelo gado, aos poucos vai sendo tomado pelos imigrantes, que ali bebiam cerveja, jogavam bolão, dançavam músicas de Kerb. A resistência inicial - "Essa alemoada merecia que a gente descesse e tirasse eles de lá a rebenque" (OR I, p. 162) -, não mais se sustenta. E haveria de se dar o que aconteceu, que um presidente fosse um dos descendentes de imigrantes, como é o caso de Morandini. Tio Bicho observa: "O pai era um verdureiro napolitano analfabeto. O filho não tem muitas luzes, mas é um bom sujeito, e muito ativo" (OA III, p. 446).

De tal forma se desenvolvem e fortalecem as colônias, tanto cresce a importância social dos imigrantes, que o doutor Rodrigo Cambará escreve um artigo manifestando seu temor com relação a um domínio germânico no Sul do Brasil, sentimento que se torna crescente à medida que os acontecimentos do mundo repercutem diretamente em todos os redutos da antiga Província. Prenciava-se a I Guerra Mundial.

Os imigrantes experimentavam acentuado progresso, tornavam sólida sua produção na colônia e chegavam à cidade, assumindo destacado papel no comércio e na indústria, alterando profundamente as feições econômicas de Santa Fé. Enquanto Veiguinha se vangloriava do fato de que sua loja continuava como no tempo do seu avô, a cidade, graças à atuação dos imigrantes, se transformava de maneira muito intensa. Em toda parte os sinais se manifestavam, conforme palavras da observação de Floriano: "Os Kerm e os Spielvogel, bem como os Kunz, os Schultz e muitas outras famílias de origem alemã, hoje em muito sólida situação econômica e financeira, começaram paupérrimos a vida no Rio Grande do Sul, abrindo picadas no mato, há mais de cem anos" (OA I, p. 62). E, em função de seu progresso econômico, eles construíam casas, abriam lojas, criavam indústrias, desfilavam com automóveis, vestiam bem, ostentando essa prosperidade e vencendo resistências. Sem demora, agregam-se sírios, judeus, até japonês aparece.

Em 1909, quando doutor Rodrigo Cambará volta de Porto Alegre formado em medicina, no mesmo trem vinha o irmão marista francês Jacques Meunier, para trabalhar no Colégio Champagnat em Santa Fé, promovendo outras novidades, como, por exemplo, a fundação de um clube de futebol. Quando, mais tarde, deixa de ser irmão e casa com Doralice Fagundes, o pai desta, Cacique Fagundes, um caboclo com sangue índio nas veias, observa: "E eu só

quero ver o que vai sair dessa cruz de estrangeiro de olho azul com cabocla de pélo duro" (OR II, p. 259). O pequeno universo de Santa Fé acaba sendo a imagem de todo o Rio Grande do Sul.

Outro forasteiro de destaque da obra é o espanhol Don Pepe Garcia. Idealista da revolução das massas, anarquista, anticlerical, antiburguês, "um dia chegou-se a Santa Fé, como acontecera a tantos outros estrangeiros – casos de que se orgulha a crônica local –, tomara-se de amor pelo lugar e resolvera ficar ali por algum tempo" (OR I, p. 215). Foi ele que pintou o famoso retrato de corpo inteiro do doutor Rodrigo Cambará, quando este tinha vinte e quatro anos e era recém-formado em medicina. Ao contrário dos laboriosos imigrantes alemães e italianos, era um boêmio, vivia bebendo pelos bares da cidade. Diz dele o narrador:

De resto, que futuro podia ter um pintor numa cidade provinciana como aquela? Santa Fé inteira conhecia a crônica daquele boêmio espanhol que era por assim dizer um herói do folclore municipal. Passava a vida em grupos de café a dispersar-se em conversas e bebedeiras. E era nessas rodas que Pepe Garcia contava suas andanças pelo mundo, falava mal do clero, da burguesia e, choramingando, dizia do que podia ter sido sua vida e sua arte se não tivesse encachado nas praias secas de Santa Fé, como um barco desarvorado sem bússola nem leme. (OR I, p. 47)

Como se pode ver, o Continte foi ocupado por pessoas advindas de diversos lugares do mundo. Esse "Rio Grande agringalhado" ainda assustava algumas pessoas, como o doutor Terêncio Prates, que defendia teses não mais sustentáveis para os novos tempos já em vigor. "Parto do princípio (e isto ninguém me tira da cabeça) de que o território de uma pátria pertence ao povo que o conquistou e manteve com seu suor, suas lágrimas e seu sangue, para usar da expressão do grande Churchill. Lá de repente nos chegam imigrantes da Itália e da Alemanha, aboletam-se em nossas terras e querem impor-nos a sua maneira de ser, de pensar, de viver e até de falar", sustenta ele (OA III, p. 278). Floriano, com visão cosmopolita e progressista, contrapõe:

Não temo a *agringalhação* da nossa gente, como o nosso doutor Terêncio. O que resultar desse amálgama de raças no tempo e no espaço será ainda Rio Grande. Teremos o nosso jeito peculiar de falar, de gesticular, bem como um jeito de ser, de pensar, de amar e de odiar, de cantar e dançar, de trabalhar e de sonhar... E os mesmos misteriosos laços de solidariedade e amor (apesar de nossos ressentimentos periódicos de irmão que se sente esquecido ou injustiçado) continuarão a nos prender ao resto do Brasil. (OA III, p. 294)

Fandango, tropeiro e contador de histórias, profundo conhecedor do Continte, revela antipatia pela presença dos imigrantes, antecipando essa discussão que doutor Terêncio Prates e Floriano travaram muitos anos depois. Faz uma leitura de como eram vistos, por uma parte dos nativos, esses estrangeiros presentes em número cada vez maior no Rio Grande do Sul. Diz Fandango:

Da margem esquerda [do rio Jacuí] pro norte e pro mar tem gringo demais. Não gosto de alemão. Falam uma língua do diabo, olham pra gente com um ar de pouco caso. Tudo neles é diferente: as roupas, as danças, as comidas, as casas, até o cheiro. Quando vejo um homem de pele muito branca, cabelo de barba de milho e olho de bolita de vidro, até me dá nojo. Se eu fosse governo, mandava essa alemoada embora. Não é que eu seja mesquinho, somítico ou malevo: estrangeiro também é filho de Deus. Mas cada qual deve ficar sossegado na sua terra, com seus parentes e amigos, seus costumes e cacoetes. Duns anos pra esta parte, tem chegado também muito italiano. Se empoleiraram na Serra, porque a alemoada, que chegou primeiro, pegou os melhores lugares nas beiras dos rios. Já andei por essas novas colônias da região serrana. A fala deles tem música e é doce como laranja madura e meio parecida com a nossa. Gostam de comer passarinho, de fazer e beber vinho, de cantar, de ouvir missa, de padre e de procissão. (OC II, p. 545)

Regina Zilberman (1992, p. 104) sustenta que a história do Continte sulino confunde-se com a trajetória dos donos do poder. Por isso, nem todos viam com simpatia a ascensão política dos estrangeiros. O declínio econômico da aristocracia rural, contraposto ao rápido progresso dos imigrantes, causava apreensão àqueles que ainda entendiam que o poder deveria estar nas mãos de quem Floriano chamava de "dinossauros da política" (OR III, p. 280). A tese do doutor Terêncio Prates expressa esse temor:

Um gringo desses, antes de ser completamente assimilado, de compreender o espírito, a alma, a história de adoção de seus pais, já nos pode governar. E, como resultado disso, a nossa continuidade e a nossa identidade históricas estão correndo o risco de serem interrompidas. O Rio Grande aos poucos se agringalha, se estrangeiriza. Estamos perdendo a primazia política. Esse também é drama do Paraná e de Santa Catarina. Se não tomarmos cuidado, em vez de assimilarmos os colonos e seus descendentes, seremos assimilados por eles! (OC III, p. 279)

O progresso econômico e a ocupação do espaço social começaram a projetar os imigrantes também no terreno político. Temerosos nos primeiros tempos – “Se nós votarmos contra o governo – justificou-se o rapaz –, o delegado persegue a gente, carrega nos impostos. Ninguém quer ser prejudicado” (OR I, p. 331), aos poucos foram ocupando esse espaço, a despeito das restrições. Érico, através de Floriano, expõe esse novo quadro: “Antigamente o produtor menor e o assalariado não podiam nem sequer sonhar com uma carreira política. Agora a situação está mudando. O estancieiro perde seu poder econômico e político, e os nossos deputados, senadores e governadores já não são mais, digamos assim, eleitos pela força do boi. Hoje os candidatos se chamam também Spielvogel, Geenberg, Lunardi, Schmidt, Kunz, Kalil” (OA III, p. 279).

Se a participação dos imigrantes trouxe grande prosperidade a Santa Fé, sua fidelidade à pátria-mãe despertou violentas reações, particularmente contra os alemães. Havia, como já vimos, até mesmo receio de que o Sul se germanizasse. Durante a Primeira Guerra Mundial, eclodiram os primeiros protestos, que podem ser expressos nessa manifestação do doutor Rodrigo Cambará:

Os jornais noticiavam que nas sociedades germânicas de Porto Alegre, São Leopoldo e Santa Cruz faziam-se subscrições e festas em benefício dos soldados alemães e austríacos. Rodrigo enfurecia-se com isso, pois o Brasil em peso – afirmava – achava-se coeso ao lado da causa aliada, que era a causa mesma da democracia e da civilização! Aqueles alemães e seus descendentes deviam meter a viola no saco e ficar quietinhos no seu canto, pois se continuassem naquelas manifestações insolentes acabariam mas era levando bordoadas. (OR II, p. 166)

A situação recrudescer com o avanço cada vez mais agressivo do Nazismo e do Fascismo. Determinados espaços físicos são tomados pelos seguidores, como é o caso do tradicional Café Poncho Verde – onde a vida local e os acontecimentos do mundo eram passados a limpo –, adquirido por José Kern, líder político desde Nova Pomerânia e agora grande empresário em Santa Fé. Pois, foi no Poncho Verde que se solidificaram o Nazismo e sua facção brasileira, a Ação Integralista Brasileira, que atraía milhares de pessoas pelo país afora, assim como em Santa Fé. Quando Hitler assumiu o poder, fundaram-se círculos nazistas para prestar seu apoio.

Os nazistas levavam sua doutrinação às escolas, às igrejas, às sociedades recreativas. A sociedade ginástica, o Turnverein, de Santa Fé foi assumida por eles e tornada reduto das discussões. O mesmo acontecia nas sociedades de Nova Pomerânia. Como nem todos os descendentes alemães concordaram com essas ações, foram excluídos das assembleias. Bem ao contrário do que a história

SIGNO, Santa Cruz do Sul, v. 30, n. 49, p. 47-66, jul./dez. 2005.

toda vinha mostrando – a integração dos povos no Rio Grande –, os nazistas defendiam a necessidade de manter a pureza da etnia germânica. Crianças e jovens eram seduzidos para o movimento. José Kern entronizou no seu café retratos de Plínio Salgado e de Adolf Hitler. Judeus estavam sendo hostilizados.

O líder do Integralismo em Santa Fé era o dentista Vivaldino Vergueiro que acreditava que Getúlio Vargas fosse assumir o Nazismo, inclusive nomeando Plínio Salgado para ministro da Educação. Em 1937, Getúlio deu um golpe de Estado, não nomeou Plínio Salgado e, mais do que isso, mandou fechar todos os núcleos integralistas do país. Em agosto de 1942, o Brasil declarou guerra aos países do Eixo, provocando primeiro euforia, depois violência na cidade. Todos os estabelecimentos e casas de descendentes alemães em Santa Fé foram apedrejados e saqueados por pessoas enfurecidas.

Depois de mais de cem anos de convívio, é certo que muitas vezes com despeito e desconfiança, dá-se uma explosão de ódio contra os imigrantes alemães. E a recusa foi indiscriminada, pois nem aqueles nitidamente não identificados com o Nazismo foram poupados de uma fúria que transcorreu, portanto, questões meramente políticas. Sabemos que a ação e a reação desse momento histórico no Rio Grande do Sul abriu feridas que por muito tempo não cicatrizaram.

Há diferenças que foram apontadas ao longo de todos os contatos dos estrangeiros com os povoadores mais antigos do Continente. Poucas delas, no entanto, criaram clima de animosidade, a ponto de se poder afirmar que a presença daqueles era indesejável. Schreiner (1996) considera relevante o fato de os imigrantes praticamente não terem recebido voz na narrativa de Érico. Diz ela: “Através das imagens estereotipadas, mantém-se a cisão entre o EU e o OUTRO, sendo que o imigrante não ultrapassa, no decorrer da narrativa, sua condição de estrangeiro a quem não é concedida a voz, o que determina a alteridade radical, mantida a partir de um discurso monológico” (p. 90).

Acreditamos que essa reflexão não possa ser levada a toda a extensão da obra. Em grande parte dela, não há uma recusa ostensiva ao imigrante. Há muita estranheza quanto à língua, aos costumes, à forma de encarar, por exemplo, o trabalho. Mas há também acolhida e reconhecimento. É normal que tão distantes culturas se estranhem num primeiro momento. O conflito se deu mesmo quando, na concepção de alguns, se tentou fazer o capote, ou seja, inverter a ordem das coisas: quem veio depois, querendo assumir o espaço maior daqueles que estavam antes. Como se trata de disputas entre seres humanos, não há maior surpresa nisso.

Érico Veríssimo, num primeiro momento, procedeu a um extraordinário resgate mítico, em objeto de indiscutível beleza e encantamento. Nesse sentido, a obra tem um caráter acentuadamente telúrico. Depois, parece-nos, enveredando

SIGNO, Santa Cruz do Sul, v. 30, n. 49, p. 47-66, jul./dez. 2005.

para o universal, conseguiu fazer uma significativa leitura dos acontecimentos do mundo ocidental das primeiras décadas do século XX. Nesse sentido, escreveu Bordini; "Intellectual orgânico, compreendeu o seu tempo e as mutações dos valores do século, sem perder a esperança no humanismo e na função formativa da arte" (1999, p. 71). De fato, Erico dirige seu foco para o desejo da convivência do ser humano, num espírito humanista e conciliador.

ALGUMAS CONCLUSÕES

A primeira constatação relevante é o reconhecimento de que a Santa Fé de *O tempo e o vento* simula com muita propriedade expressiva parte da história do Rio Grande do Sul, acentuando o caráter peleador e agressivo dos homens, andarilhos, e o caráter melancólico e recolhido das mulheres, no silêncio das casas e dos ranchos, bem como a progressiva integração de um grande contingente de estrangeiros que, a partir do primeiro quartel do século XIX, aportam no território e nele fazem sua morada e a de muitas gerações descendentes. Sua fixidez, ao contrário da mobilidade dos gaúchos, certamente constitui fator do novo modelo de desenvolvimento. Ao apresentá-los, pode haver falta de uma verticalidade maior, mas essa era a forma de Erico escrever, o que não retira força poética e sentido humano da grande saga que nos deixou.

A medida que o texto se aproxima do final, alemães são denominados teuto-brasileiros, e italianos, ítalo-brasileiros. As expressões têm sentido justificado em se considerando o período de conclusão da obra. Nos anos subseqüentes, essas marcas também foram se apagando e hoje praticamente restam como matéria de estudos etnográficos e sociológicos. Da parte de alguns imigrantes, houve, desde o início, esforço de adaptação, com a assimilação da língua, dos hábitos e costumes, mesmo que às vezes isso acabasse em motivo para chacota, como acontece com Jacó Stumpf, morto na revolução de 23. Diz dele o narrador: "Era um espetáculo vê-lo metido nas largas bombachas de pano xadrez, chapéu de barbicacho, botas de sanfona com grandes chilenas barulhentas. Esforçava-se por imitar o linguajar gaúcho e com frequência dizia: "Pucha Tiapo!" Os companheiros logo passaram a chamar-lhe Jacozinho Puxa Tiapo" (OA I, p. 336-7). Um tanto irônico e caricato, com certeza, no entanto uma tentativa de adoção de uma nova identidade.

Outro fator que cabe destacar é a ênfase dada aos imigrantes como trabalhadores. Ninguém estava isento do trabalho, nem mesmo as crianças. Os nativos eram fazendeiros, políticos, ou então muito pobres; os imigrantes, todos inicialmente desprovidos, aos poucos foram erguendo patrimônio e galgando

posições sociais e depois também políticas. As guerras e peleias, que tanto agradavam aos gaúchos, tinham pouco sentido para eles. A nova sociedade de Santa Fé contava em seus quadros muitas famílias tradicionais decadentes ou já depauperadas, e muitos imigrantes redimidos, pela dedicação ao trabalho, de sua condição miserável dos primeiros tempos.

O progresso dos imigrantes é distribuído entre todos. Nenhum deles é herói na narrativa. Os heróis de *O tempo e o vento* são Cambará, Terra, Amaral, entre outros. O doutor Carl Winter até que poderia galgar esse status, mas nenhum grande episódio marca sua vida em Santa Fé e ele acaba desaparecendo silenciosamente do cenário. Por outro lado, há espaço para anti-herói. José Kem, ainda em Nova Pomerânia, cai na antipatia dos líderes santa-fezenses e, depois, quando de sua assumida atitude a favor do Nazismo, acaba atraindo a ira não só contra ele, mas contra todos os demais imigrantes alemães e seus descendentes. É evidente que esses episódios atingiram o processo de integração. Os imigrantes eram os outros que causavam incômodo, ameaçando seriamente desbancar as lideranças locais.

Mesmo passando por inúmeras dificuldades nos tempos iniciais, os imigrantes acabaram selando sua presença no território gaúcho. A terra boa, o clima adequado, a paisagem encantadora (representada de forma magnífica pela pena de Erico), a adoção e também miscigenação de costumes, o recesso dos conflitos, a incorporação da língua, tudo acabou por contribuir para que aqui se tivesse o que Rovílio Costa (2005) chama de "o Estado mais homogeneamente interétnico do planeta". "Se alguém achar outro, que prove", desafia. Parece-nos que o autor tem boa dose de razão, embora talvez não se devesse repetir que as nossas façanhas sirvam de modelo a toda terra. Deve haver outros lugares bons, mas Erico tornou Santa Fé um espaço de magia, de beleza, de puro encanto, de onde, quem veio, não mais deseja sair.

REFERÊNCIAS

- BORDINI, Maria da Glória. Erico Veríssimo. In: BRASIL, Luiz Antonio de Assis; MOREIRA, Maria Eunice; ZILBERMAN, Regina (Org.). *Pequeno dicionário da literatura do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Novo Século, 1999.
- COSTA, Rovílio. Em busca da identidade. *Extraclass*, Porto Alegre, ano 10, n. 97, p. 4-6, nov. 2005. Entrevista concedida a César Fraga.
- DACANAL, José Hildebrando. *O romance de 30*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.

- MOISÉS, Massaud. *História da literatura brasileira: modernismo (1922 – atualidade)*. 3. ed. rev. e aum. São Paulo: Cultrix, 1996.
- SCHREINER, Renate. *Entre ficção e realidade: a imagem do imigrante alemão na literatura do Rio Grande do Sul*. Lajeado, Santa Cruz do Sul: Editora da Fates, Edunisc, 1996.
- VERISSIMO, Erico. *O tempo e o vento: o Continente I*. 29. ed. Porto Alegre: Globo, 1994.
- _____. *O tempo e o vento: o Continente II*. 24. ed. Porto Alegre: Globo, 1991.
- _____. *O tempo e o vento: o retrato I*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- _____. *O tempo e o vento: o retrato II*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- _____. *O tempo e o vento: o arquipélago I*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- _____. *O tempo e o vento: o arquipélago II*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- _____. *O tempo e o vento: o arquipélago III*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- ZILBERMAN, Regina. *A literatura no Rio Grande do Sul*. 3. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992.